Dia 9 — Santa Leocádia, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

O triunfo de Santa Leocádia, virgem e mártir, em Toledo, na Espanha; a qual, na perseguição do imperador Diocleciano, por mandado de Daciano, presidente da Espanha, foi encerrada num estreito cárcere e, tendo ouvido os tormentos que haviam padecido Santa Eulália e os outros santos Mártires, posta de joelhos em oração, entregou sua alma pura ao Criador. (Veja-se sua história hoje, e a da trasladação de suas santas relíquias entre as do dia 26 de abril, pág. 420.)

São Restituto, bispo e mártir, em Cartago, em cuja festividade Santo Agostinho pregou de suas virtudes ao povo.

Os santos mártires Pedro, Suceso, Basiano, Primitivo e outros vinte, também na África.

Santa Valéria, virgem e mártir, em Limoges, na França. (Converteu-se a Jesus Cristo pela pregação de São Marcial.)

São Próculo, bispo, em Verona; o qual, na perseguição de Diocleciano, foi esbofeteado, açoitado com varinhas e lançado fora da cidade; mas restituído depois a sua igreja, morreu em paz.

Santo Siro, em Pavia, primeiro bispo daquela cidade, esclarecido por seus milagres apostólicos e por suas virtudes. (O apóstolo São Pedro, de quem recebeu a luz da fé e o batismo, consagrou-o bispo e o enviou a Pavia, cuja igreja gerou em Jesus Cristo. Muitas outras cidades da Itália ilustrou também e por todas as partes confirmou com milagres as doutrinas que ensinou. Sua vida foi a de um apóstolo e sua morte a de um santo, a qual aconteceu no ano 112.)

São Juliano, bispo, em Apameia, na Síria; o qual resplandeceu em santidade no tempo do imperador Severo. (Distinguiu-se este Santo em combater as doutrinas dos hereges catafrígios, que apareceram no Oriente durante o século II.)

São Cibrano, abade, varão de grande santidade, em Périgueux, na França. Santa Gorgônia, irmã de São Gregório, o Teólogo, em Nazianzo; o qual escreveu suas virtudes e milagres. (Foi um esclarecido modelo de todas as virtudes; a oração fúnebre que seu irmão São Gregório Nazianzeno pronunciou por motivo de sua morte se acha na coleção das obras deste grande Padre da Igreja.)

Santa Leocádia, Virgem e Mártir

A Espanha foi em todos os tempos um campo fértil em grandes Santos, e o sangue dos muitos gloriosos Mártires com que foi regada desde os primeiros séculos da Igreja aumentou consideravelmente seu número. Entre tantos heróis cristãos viu-se um prodigioso número de donzelinhas que, elevando-se sobre a delicadeza de sua idade e de seu sexo por sua constância na fé, insultaram a barbaridade dos mais cruéis tiranos e vieram a ser uns milagres da Graça. Uma das mais célebres entre todas estas virgens mártires é Santa Leocádia.[^1] Era natural de Toledo, cidade bem conhecida na Espanha: sua família era das mais antigas e nobres do país; veio ao mundo no fim do terceiro século. Como seus pais eram cristãos, tiveram cuidado de educá-la segundo os princípios e máximas da religião cristã. O natural e as inclinações da jovem Leocádia abreviaram muito as lições de sua educação. Como se só houvesse nascido para a piedade, ignorou os entretenimentos mais ordinários das crianças. Prevenida desde o berço das mais doces impressões da Graça, fez crer por sua conduta que sua virtude havia prevenido a idade da razão; tanta era a prudência, tanto o juízo que manifestava desde seus mais tenros anos. Sua principal diversão era a oração; e, ainda que dotada de um espírito vivo e despejado, de uma rara beleza e de todas aquelas brilhantes prendas em que de ordinário fundam seu principal mérito as de seu sexo, não conheceu outras galas senão as que dá a virtude; e nenhuma coisa tinha atrativo para ela senão o retiro. Sua modéstia inspirava veneração e respeito. Era olhada em Toledo como um prodígio de talento e de santidade; e passava até no ditame dos pagãos pela donzela mais cabal que havia na Espanha.

Vivia Leocádia em sua casa como verdadeira religiosa e estava nesta alta reputação de prudência e de virtude em toda a cidade, quando Daciano, governador da Espanha Tarraconense, foi enviado a Toledo pelos imperadores Diocleciano e Maximiano, com ordem de valer-se de todos os meios imagináveis para exterminar o culto do verdadeiro Deus. Talvez não houve jamais tirano mais cruel nem mais bárbaro, nem mais inimigo do nome cristão. Foi o mesmo chegar a seu governo que fazer publicar os editos dos imperadores contra todos os que professavam a religião cristã e começar a perseguir os fiéis com furor. Não se viam em todas as partes senão forcas e cadafalsos; não se falava senão de cruéis tormentos e de execuções; os cárceres estavam cheios de cristãos, e em todas as partes não se apresentavam à vista senão destroços e uma horrorosa carnificina.

Tendo vindo a Toledo Daciano, respirando raiva e furor contra os Cristãos, fez publicar os editos dos Imperadores e proibiu, sob pena de vida, adorar a outro deus que os deuses dos Imperadores. Mandou que se fizesse uma exata pesquisa de todos os cristãos e que se lhe desse uma lista deles. Executou-se a ordem: Leocádia era demasiado conhecida até dos pagãos para não ter a glória de estar posta à cabeça desta lista. O Governador informou-se primeiro de quem era a donzela que fazia profissão de uma religião proscrita pelos Imperadores: disseram-lhe que era uma jovem da primeira qualidade, cujos antepassados haviam ocupado até então os primeiros empregos do Estado, e que mil belas qualidades a faziam recomendável, mas que era cristã; e como sua grande virtude, a pureza de seus costumes e sua modéstia tinham embevecido o público, fazia honra a sua religião e desacreditava altamente com seu exemplo o culto dos ídolos. Logo compreendeu Daciano que, se pudesse pervertê-la, nenhuma coisa adiantaria tanto seus desígnios como esta conquista; e assim mandou que lha trouxessem. Apenas ouviu Leocádia que o Governador a

chamava, dispôs-se para o martírio. Renovou o voto que havia feito a Deus de sua virgindade e com um novo fervor lhe fez sacrifício de sua vida. Depois do que, animada de um valor que só Deus pode inspirar, foi-se ao palácio e apresentou-se ao Governador com uma intrepidez verdadeiramente cristã.

Ao vê-la Daciano, ficou encantado e embevecido de sua compostura e modéstia; levantou-se para fazer-lhe esta honra e com um tom doce, afável e respeitoso disse-lhe: Estou informado da nobreza de teu nascimento, do mérito de teus avós e das belas qualidades de tua pessoa. Eu mesmo vejo que, por brilhante que seja o retrato que se me fez de ti, é inferior a teu próprio mérito. Farei saber aos Imperadores o tesouro que se oculta em Toledo; e tu deves esperar ser chamada muito em breve à corte, onde farás um papel muito sobressalente e acharás logo um partido digno de teu nascimento. Na verdade, quiseram fazer-te não muito bons serviços junto a mim, delatando-te como cristã; mas eu não quis escutar a calúnia; tens sobrado entendimento e és demasiado prudente para deixar-te arrastar de uma seita que olham com horror todas as gentes de bem e que está proscrita em todo o Império.

Santa Leocádia escutava todo este arrazoado sem dizer palavra, com os olhos baixos e sem mostrar em seu semblante nem terror nem alteração alguma. Tendo acabado de falar Daciano, tomou a palavra nossa Santa e com um tom de firmeza e de segurança, sem faltar jamais a sua modéstia, disse-lhe: Senhor, estou muito reconhecida aos sentimentos vantajosos que formastes de mim e à honra que fazeis a minha família; mas permiti que vos diga que não posso deixar de olhar com dor a preocupação em que vos vejo contra os Cristãos e o menosprezo que fazeis da religião cristã. Só pode não estimá-la quem não a conhece; basta ser racional para estar persuadido de que esta Religião é a única verdadeira. Esses que chamam deuses do Império são uns deuses fabulosos. Pode ser homem prudente, pode fazer bom uso do juízo e da razão o que só tem uma ideia quimérica da divindade? Só a religião cristã nos faz conhecer este Ser supremo, onipotente e eterno; ela nos ensina que a verdadeira nobreza não se encontra senão no serviço de Deus e que não há honra igual à que se tem em servi-lo com fidelidade; e pelo que me toca, acrescentou levantando a voz, não reconhecerei jamais outro Deus que este e porei toda a minha glória em ser cristã. Disse isto a Santa com tanta valentia, modéstia e agrado que toda a assembleia pareceu aplaudi-la e dar-lhe os parabéns: ao próprio Daciano deu golpe uma intrepidez tão bem fundada; mas, refletindo que mostrar-se brando em favor dos Cristãos era desagradar aos Imperadores e que seria coisa vergonhosa para ele ceder às razões de uma donzelinha cristã, trocou-se em furor toda a sua admiração e, olhando para a Santa com olhos terríveis, disse-lhe: Anda, vil escrava, és indigna da família de que saíste. Logo, voltando-se para os verdugos que o rodeavam, acrescentou: Pois essa mulherzinha faz profissão de ser serva de um galileu morto numa cruz, que se a trate como a escrava. Mandou depois que a moessem a pauladas; executou-se a sentença com crueldade; muito logo foram quebrantados seus membros; seu corpo delicado, moído a pauladas, abriu-se por todas as partes em fendas, e o sangue corria em arroios de suas feridas. Durante um suplício tão cruel e tão horroroso,[^2] não se soltou à Santa o menor suspiro nem a menor lágrima. Uma alegria sobrenatural derramada sobre seu rosto manifestava as doces consolações interiores de que estava inundado seu coração. Seus olhos estavam fixos no céu, e sua boca não se desabria senão para dar graças a Deus pelo favor que lhe fazia de permitir-lhe padecer por sua glória. O tirano, que não queria fazê-la expirar a golpes, mandou que fosse levada ao cárcere e encerrada num horroroso calabouço, a fim de reservá-la para maiores suplícios.

Vendo Leocádia os Cristãos desfeitos em lágrimas e movidos a compaixão por vê-la em tão lastimoso estado, consolou-os dizendo-lhes que antes deviam ter-lhe inveja e dar graças a Deus pelo favor que lhe fazia de deixá-la padecer por seu divino esposo Jesus Cristo.

A Santa, encerrada no calabouço, louvava dia e noite o Senhor e olhava sua prisão como uma habitação que preferia aos mais magníficos e mais deliciosos palácios do mundo. Tendo-lhe dito os horríveis tormentos em que a virgem Eulália havia consumado em Mérida seu glorioso martírio, enterneceu-a tanto esta notícia, e a dos suplícios que faziam padecer aos Cristãos, e assim também a da horrível perseguição que se acendia contra os servos de Deus, da qual esta primeira barbárie não era mais que um prelúdio, que suplicou com instâncias ao Senhor que a tirasse de uma terra em que o nome de seu divino Esposo ia estar em execração e em que se ia fazer uma tão espantosa carnificina nos fiéis. Foi ouvida sua súplica e, no maior fervor de sua oração, tendo beijado ternamente uma cruz que havia gravado milagrosamente numa pedra dura com só a impressão de seu dedo, expirou de repente. Esta preciosa morte sucedeu no dia 9 de dezembro do ano 303. Alguns afirmam que, tendo sabido nossa Santa no cárcere os combates e o triunfo de Santa Eulália e dos outros Mártires, pôs-se em oração para pedir a Deus a graça de gozar quanto antes de sua glória; e que este desejo de ver a Deus foi tão ardente que lhe entregou seu ditoso espírito entre estes violentos transportes de amor. Seu corpo foi lançado ao campo pelos pagãos; mas os Cristãos tiveram cuidado de levá-lo e enterrá-lo num sítio muito próximo. Depois se edificou uma magnífica igreja no lugar onde esteve sepultada; na qual igreja se tiveram muitos concílios, e nela mesma sucedeu aquele grande milagre que referem os mais antigos autores.

Estando em oração Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo, diante do sepulcro desta Santa, na presença do rei Recesvinto e de toda a corte, tirou-se por si mesma a laje que cobria o sepulcro, que era de uma enorme grandeza. Santa Leocádia saiu do sepulcro coberta com um grande véu e, encarando o santo Arcebispo, disse-lhe: És ditoso, Ildefonso, em ter uma tão viva e terna devoção à santíssima Virgem e por haver defendido com tanto valor contra seus inimigos sua glória e suas insignes prerrogativas; continua, ilustre devoto de Maria, em honrar e fazer que os demais honrem nossa comum Rainha. Asseguro-te que tudo o deves esperar de seu poder e de sua bondade. Tendo dito isto, voltou Santa Leocádia a sua sepultura, deixando todos os assistentes com um santo temor e uma respeitosa admiração que se assemelhavam a um doce êxtase. Durante esta milagrosa aparição, tendo Santo Ildefonso tomado em sua mão a ponta do véu da Santa, cortou um pedaço dele com a faca que o Rei levava na cinta, cuja preciosa relíquia se conserva ainda no sacrário da santa igreja de Toledo.

Há nesta cidade três magníficas igrejas consagradas sob o nome de Santa Leocádia: uma no sítio onde nasceu ou onde viveu, junto à paróquia de São Román; outra onde esteve no cárcere, onde morreu, junto ao Alcázar; e a terceira onde esteve sepultada, que estava fora da cidade, na várzea, não longe do Tejo. Esta última foi edificada pela piedade e liberalidade do rei Sisebuto. Das trasladações das santas relíquias de Santa Leocádia falamos no dia 26 de abril.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Leocádia, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Beatæ Leocadiæ, virginis et martyris tuæ, quæsumus, Domine, precibus et meritis adjuvemur: ut quæ pro tui nominis confessione carceres et mortem pertulit, suo nos patrocinio ab æterno carcere defendat. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Senhor, pedimos-vos que sejamos ajudados pelos rogos e méritos da bem-aventurada Leocádia, vossa virgem e mártir, para que sejamos livrados do cárcere eterno pelo patrocínio daquela que, por confessar vosso nome, sofreu o cárcere e a morte. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico (o impresso remete à pág. 29, isto é, ao dia 2).

Eclesiástico 51,13-17

> **Latim:** 13 Exaltasti super terram habitationem meam, et pro morte defluente deprecatus sum. 14 Invocavi Dominum patrem Domini mei, ut non derelinquat me in die tribulationis meæ, et in tempore superborum, sine adjutorio. 15 Laudabo nomen tuum assidue, et collaudabo illud in confessione : et exaudita est oratio mea, 16 et liberasti me de perditione, et eripuisti me de tempore iniquo. 17 Propterea confitebor, et laudem dicam tibi, et benedicam nomini Domini.

Português: 13 Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte. 14 Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos. 15 Louvarei incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração. 16 E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de aperto. 17 Por isso eu te glorificarei, e cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

Reflexões

Louvarei sem cessar vosso nome. Tal deve ser a linguagem de todos os Cristãos; mas podem todos ter esta linguagem? E se falassem assim, não os desmentiria sua conduta? Louva-se o Senhor nessas concorrências de mundo e de prazeres, nesses espetáculos profanos em que tudo conspira a seduzir a alma e efeminá-la? Onde o coração, governando-se pelos ouvidos e pelos olhos, se afeiçoa e se atira a tudo o que lhe agrada, e onde a razão, suspensa entre tantos encantos, cala e emudece? A Religião é atendida, é ouvida entre um grande estrondo de prazeres? Só agrada o que lisonjeia os sentidos; e entre tantos objetos tão capazes de agradar e que com efeito agradam, será a alma senhora de seus desejos? Os espetáculos profanos, falando com propriedade, não são outra coisa que uma sábia escola de todas as paixões. Neles se dão às claras, e com feliz sucesso, lições públicas de galanteio, de engano, de vingança, de ambição; neles se aprende como se há de conduzir com habilidade uma intriga amorosa, como se há de deslumbrar a escrupulosa vigilância dos pais, como se há de surpreender a boa-fé por meio de ardis: ali se aprende a não pôr jamais em vão laços à inocência, a desfazer-se com destreza de um inconveniente, a vingar-se a golpe seguro de um inimigo, a fabricar a fortuna sobre as ruínas da fortuna alheia, e tudo isto com habilidade e com destreza; e como todas são lições lisonjeiras, e às quais os autores dão um maravilhoso relevo, que progresso não fará uma paixão viva e ardente, insinuada com tanto artifício, num coração onde encontra já tão belas disposições? Tudo o que se vê, tudo o que se ouve no teatro são tiros que se fazem aos sentidos e a alguma paixão; galas, mutações, canções, harmonia, concurso, tudo tenta; e à força de gostar do que encanta, encontra-se certo embevecimento nos próprios laços, acha-se gosto em ser tentado, gosta-se de ser movido, ser ganho e rendido. Por ventura ensina o teatro outras lições? Vai-se ao teatro a aprender outra moral? Facilmente se familiariza a alma com o que lhe agrada, sem reparar em que haja nisso perigo; a doçura do veneno faz esquecer os funestos efeitos que produz; não se vê coisa que seja vergonhosa nas paixões desde que foram disfarçadas no teatro e formoseadas pela arte; à força de admirar e de aplaudir o mais vergonhoso, aprende-se a não envergonhar-se de nada. Mas esses eternos admiradores do teatro, quanto aprenderam nele, e sempre a suas próprias expensas! Eles sabem quanto aprenderam. Saíram jamais dele com uma consciência mais delicada? Aprenderam jamais a ser mais modestos, mais circunspectos, mais cautos? Tiraram dele ideias mais puras, maneiras de falar menos livres, modos de obrar mais cristãos? Ao sair dos espetáculos, fica muito gosto à devoção? Pode-se deixar de convir em que esta desenfreada licença do século, esta espantosa corrupção dos costumes, este desgosto da piedade tão universal no mundo, esta indiferença, por não dizer este desprezo da Religião, a qual hoje em dia quase está reduzida a certas exterioridades de decência entre os mundanos; pode-se deixar de convir em que tudo isto é um dos frutos mais naturais e mais ordinários dos espetáculos profanos? Certamente, a não ser que se queira sufocar até os primeiros princípios da razão e da Religião, com que artifício se pode concordar o Evangelho com os espetáculos?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à pág. 76, isto é, ao dia 4).

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da leitura espiritual

Primeiro ponto

Consideremos que na oração falamos a Deus, e na leitura espiritual é Deus quem nos fala e nos diz o que lemos. Pelos livros de piedade nos instrui o Senhor e nos dá a entender o que quer de nós; por meio deles nos descobre os ardis mais sutis do inimigo e nos ensina a evitá-los. Estas leituras salutares são um espelho em que o Senhor nos põe à vista as enfermidades mais ocultas da alma, mostrando-nos ao mesmo tempo os remédios eficazes para curá-las. Por estas piedosas leituras

nos fala o Espírito Santo ao coração, descobre-nos nossas imperfeições e desenvolve-nos todos os mistérios de iniquidade do amor-próprio: nelas aprendemos a conhecer o valor, o mérito e as doçuras da virtude; os efeitos funestos do pecado, os caminhos de Deus e a arte de chegar a uma santidade perfeita. A leitura espiritual é propriamente onde aprendemos a ciência dos Santos. Os livros de piedade, diz Santo Agostinho, são como umas cartas que nos vêm de nossa pátria celestial. Leiamo-las, pois, com aquela atenção com que poderia um homem que recebesse cartas de seu país depois de haver estado ausente dele muito tempo. Leiamo-las para ver o que nos dizem de nossos pais, de nossos irmãos e de nossos amigos que estão ali; que fortuna tiveram, qual é o motivo de seu atual gozo, por que caminho chegaram a este ditoso estado, o que pensam de nós, que ideia têm das alegrias, dos bens, das honras e das adversidades desta vida. Finalmente, leiamo-las para ver o que nos contam de um lugar aonde temos tanta ânsia de chegar. Os livros devotos são como um espelho que devemos pôr diante dos olhos de nossa alma para ver nele nosso interior: neles nos é fácil conhecer todas as manchas e todos os defeitos que há nele. Considera quanto pode ajudar-te a leitura espiritual para obrar tua salvação.

Segundo ponto

Considera que fruto não podes tirar da leitura das vidas dos Santos, e mais ainda se a fazes com um coração dócil, por um motivo puro, com um verdadeiro desejo de aproveitar-te. Umas vezes nos contam os feitos admiráveis dos Santos, a fim de excitar-nos a imitá-los e para que a vista de seus combates, de suas vitórias e seus triunfos confunda nossa covardia e sustente nosso alento. Outras vezes nos falam de suas tentações, de suas imperfeições e também de suas quedas, para animar nossa confiança em Deus e avivar nossa esperança, nossa fé e nosso zelo. Neles vemos umas pessoas como nós, sujeitas às mesmas paixões, acometidas dos mesmos inimigos, envolvidas nos mesmos embaraços; da mesma condição, do mesmo estado, do mesmo sexo e da mesma idade; as quais, mais generosas, mais fiéis e mais determinadas que nós, venceram, com a graça do Senhor e com o socorro das mesmas armas que temos nós, esses inimigos, superaram esses obstáculos, domaram suas paixões, mortificaram seus sentidos, praticaram a virtude e chegaram por último à mais sublime perfeição. E por que não poderei eu fazer o que eles e elas fizeram? Tenho eu menos interesse em obrar minha salvação que tiveram eles? Como é possível ler estes grandes modelos a sangue-frio e sem proveito? Os livros devotos são o resumo e como o suco da sagrada Escritura: são um alimento já mastigado e preparado para cada um em particular. Quão pouco se conhece, meu Deus, o mérito e a utilidade da leitura espiritual! Quantos Santos fez Deus por este meio!

Já conheço, Senhor, quanto perdi menosprezando um meio tão fácil e tão a propósito para ser virtuoso. Fazei, meu Deus, que desde hoje não me seja inútil um socorro tão poderoso, do qual proponho servir-me daqui em diante.

Jaculatórias

Eu, Senhor, de hoje em diante terei mais gosto em ler vossas instruções que em provar o mais doce mel. (Sl 118.)

Espero, meu Deus, que as reflexões que farei lendo os livros de piedade abrasarão meu coração no fogo de vosso amor. (Sl 38.)

Propósitos

1. Nada é mais útil que a leitura espiritual; mas, para que seja proveitosa, é necessário lê-la não de corrida, e como quem lê uma coisa por pura diversão, mas devagar e com suma aplicação. As chuvas de tempestade nunca são úteis: as que fertilizam a terra são as chuvas aprazíveis e continuadas. Lê com reflexão; e quando alguma coisa te impressionar, volta a lê-la mais de uma vez. A reflexão deve acompanhar sempre a leitura. Quando leres, não tanto hás de buscar aprender as coisas de Deus quanto gostar delas. Lê pouco, mas bem; quero dizer, procura penetrar o que o Espírito Santo te diz por meio da leitura. Não faças estudo da leitura: toma-a como uma lição que Deus te dá.

2. Destina cada dia algum momento determinado para ter tua leitura espiritual e nunca te dispenses neste particular. Levanta teu espírito a Deus para pedir-lhe suas luzes ao começar a ler; e acaba a leitura por estas palavras: *Confirma hoc, Deus, quod operatus es in nobis:* Fazei, meu Deus, que sejam eficazes os bons afetos que acabais de inspirar-me. Lê todos os dias um capítulo do livro da *Imitação de Jesus Cristo;* a *Introdução à vida devota*, de São Francisco de Sales; o *Guia de pecadores*, de Frei Luís de Granada; o *Conhecimento e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo*, de São Jure; a *Prática da perfeição cristã*, do P. Rodríguez, etc. Todos estes são livros excelentes; informa-te de teu diretor quais te convêm; e não leias senão os que sejam de sua aprovação.

[^1]: Nas lições do Breviário antigo de Évora diz Resende que Leocádia é corrupção de Leucádia, que era o nome próprio desta gloriosa virgem, o qual, segundo a derivação que tem do grego, quer dizer Branca. Daqui infere o M. Villegas que teve origem o nome de Branca que costumavam tomar em Castela algumas mulheres.

[^2]: Refere-se este suplício nas lições de seu ofício do mosteiro de Celas, confirmando-o algumas pinturas antigas que se acham em Toledo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:44 by Admin